

## A SEMANA – 120

John Gledson

Essa semana, que o cronista diz ter sido “farta de sucessos, de aventuras, de palavras”, não parece nada especial para quem lê os jornais, nem no âmbito municipal, no nacional nem no internacional. Provavelmente, o cronista não achou nada de interessante, além da ruína da Fábrica das Chitas – sem dúvida, o detalhe da cadela com os filhos foi em parte o que lhe prendeu a atenção. Nos dois casos que aventa, a semana pobre e a rica, o que quer é liberdade para escolher o assunto. Comenta o sensacionalismo dos jornais, e a sede de desastres, assassinatos etc. (quem ler a reportagem sobre a explosão do morro da Mortona, na *Gazeta* de 18 de agosto, verá os exageros). No fim da crônica, na desconversa cômica com a semana rica, aparece o relativismo que gosta de assumir, e que imputa a Bentinho em *Dom Casmurro*. Até aparece a mesma referência à ópera.

Esta crônica consta da antologia de Mário de Alencar, p. 158-163.



## A SEMANA

16 de setembro de 1894

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Que boas que são as semanas pobres! As semanas ricas são ruidosas e enfeitadas, aborrecíveis, em suma. Uma semana pobre chega à porta do gabinete, humilde e medrosa:

– Meu caro senhor, eu pouco tenho que lhe dar. Trago as algibeiras vazias; quando muito, tenho aqui esta cabeça quebrada, a cabeça do Matias...

– Mas que quero eu mais, meu amigo?<sup>1</sup> Uma cabeça é um mundo... Matias, que Matias?

– Matias, o leiloeiro que passava ontem pela rua de S. José, escorregou e caiu... Foi uma casca de banana.

– Mas há cascas de banana na rua de S. José?

– Onde é que não há cascas de bananas? Nem no céu, onde não se come outra fruta, com toda certeza, que é fruta celestial. Mate-me Deus com bananas. Gosto delas cruas, com queijo de Minas, assadas com açúcar, açúcar e canela... Dizem que é mui nutritiva.

Confirmo este parecer, e aí vamos nós,<sup>2</sup> eu e a semana pobre, papel abaixo, falando de mil coisas que se ligam à banana, desde a botânica até a política. Tudo sai da cabeça do Matias. Não há tempo nem espaço, há só eternidade e infinito, que nos levam consigo; vamos pegando aqui de uma flor, ali de uma pedra, uma estrela, um raio, os cabelos de Medusa, as pontas do diabo, micróbios e beijos, todos os beijos que se têm consumido neste mundo, todos os micróbios que nos têm consumido, até que damos por nós no fim do papel. São assim as semanas pobres.

Mas as semanas ricas! Uma semana como esta que ontem acabou, farta de sucessos, de aventuras, de palavras, uma semana em que até o câmbio começou a esticar

---

<sup>1</sup> Assim na *Gazeta*, e em Mário de Alencar. Aurélio tem “minha amiga”, que será gramaticalmente correto, mas não parece corresponder à intenção de Machado, mais espontâneo e menos atado às regras. É significativo que Mário de Alencar não tenha notado o “erro”.

<sup>2</sup> Esta vírgula falta na *Gazeta* – possivelmente por ser fim de linha – e no texto de Mário de Alencar. Aurélio acrescenta-a, sem comentar.

o pescoço pode ser boa para quem gostar de bulha e de acontecimentos.<sup>3</sup> Para mim que amo o sossego e a paz é a pior de todas as visitas. As semanas ricas exigem várias cerimônias, algum serviço, muitas cortesias. Demais, são trapalhonas, despejam as algibeiras sem ordem e a gente não sabe por onde lhe pegue,<sup>4</sup> tantas e tais são as coisas que trazem consigo. Não há tempo de fazer estilo com elas, nem abrir a porta à imaginação. Todo ele é pouco para acudir aos fatos.

– Como é que V. Ex. pôde vir assim, tão carregada assim, não me dirá?

– Não é tudo.

– Ainda há mais fatos?

– Tenho-os ali fora, na carruagem; trouxe comigo os de maior melindre, vou mandar trazer os outros pelo laçao... Pedro!

– Não se incomode V. Ex.; eu mando o José Rodrigues. José Rodrigues! Vá ali à carruagem desta senhora e traga os pacotes que lá achar. Vêm todos em<sup>5</sup> pacotes?

– Todos, menos o edifício da Fábrica das Chitas que afinal recebeu o último piparote do tempo e caiu.<sup>6</sup> Pelo resultado, podemos dizer que foi o dedo da Providência que o deitou abaixo; não matou ninguém. Imagine se o bonde que descia passasse no momento de cair o monstro, e que o homem que queria ir ver na casa arruinada a cadela que dava leite aos filhos houvesse chegado ao lugar onde estavam os cães. Que desastre, santo Deus! que terrível desastre!

– Terrível, minha senhora? Não nego que fosse feio, mas o mal seria muito menor que o bem. Perdão; não gesticule antes de ouvir até o fim... Repito que o bem compensaria o mal. Imagine que morria gente, que havia pernas esmigalhadas, ventres estripados, crânios arrebentados, lágrimas, gritos, viúvas, órfãos, angústias, desesperos... Era triste, mas que comoção pública! que assunto fértil para três dias! Recorde-se da Mortona.<sup>7</sup>

– Que Mortona?

---

<sup>3</sup> O câmbio estivera em alta essa semana: o mil-réis subiu acima de 10 *pence*.

<sup>4</sup> Parece que devia ser “lhes”, e Mário de Alencar corrige nesse sentido. Aurélio, porém, nota que “o *lhe* com o valor de *lhes* era comum antigamente”, e cita casos em autores modernos, como Almeida Garrett e Guerra Junqueiro. Erro ou (semi)arcaísmo? Sugerimos também que pode ser que se trate de silepse (concordância pelo sentido) – o cronista faz a concordância com a ideia de uma semana rica – uma só, “como esta que ontem acabou... em que a gente não sabe por onde lhe pegue”.

<sup>5</sup> Está assim na *Gazeta* e na antologia de Mário de Alencar; Aurélio, desnecessariamente, substitui por “os” (“todos os pacotes”).

<sup>6</sup> A Fábrica das Chitas foi construída na década de 1820, perto da atual praça Saenz Peña, na Tijuca. Na verdade, limitava-se a estampar tecidos vindos da Índia. Machado muito provavelmente leu uma reportagem na primeira página de *O Paiz* de 12 de setembro, com o título “CAIU DE MADURO”, de onde pescou alguns detalhes. Diz uma carta de um leitor incluída nela: “Eram 11 horas da manhã, quando o rabiscador destas linhas (...) encaminhava-se para o local do desmoronamento com o fito de ver uma linda cadelinha, que num dos esconderijos desse velho prédio em completas ruínas alimentava os filhos (bonitos cãezinhos). (...) Não houve felizmente nenhuma desgraça a lamentar. Providencialmente o bonde de passageiros vinha para cima, ainda caminhando no princípio da rua Desembargador Isidro.”

<sup>7</sup> No dia 18 de agosto, houve uma forte explosão no morro da Mortona, perto da Saúde. Caíram alguns barris de pólvora de uma carroça que subia o morro para o forte General Carneiro, e quando tentavam apanhar a pólvora que se espalhara pelo chão, uma chispa, talvez de um cigarro aceso, levou ao incêndio, que destruiu vários prédios da vizinhança, e causou muitos mortos e feridos.

– Creio que houve um desastre deste nome; não me lembro bem, mas foi negócio em que se falou três dias. Nós precisamos de comoções públicas, são os banhos elétricos da cidade. Como duram pouco, devem ser fortes. Olhe o caso Mancinelli...<sup>8</sup>

– A minha mana mais velha é que o trouxe consigo. Foi um suicídio, creio?

– Foi, foi um horrível suicídio que abalou a cidade em seus fundamentos. No dia da morte, cerca de mil pessoas foram ver o cadáver do triste empresário. Quando se deu o primeiro espetáculo a favor dos artistas, acudiram ao teatro dezessete pessoas, não contando os porteiros, que entram por ofício. Não há que admirar nessa diferença de algarismos; as comoções fortes são naturalmente curtas. Fortes e longas, seriam a mais horrível das nevroses. Foi uma pena não ter passado um bonde cheio de gente na ocasião em que ruíu a Fábrica das Chitas; cheio de gente, isto é, de crianças sem mães, maridos sem esposas, viúvas costureiras, sem os filhos, e muitos passageiros, muitos pingentes, como dizem dos que vão pendurados nos estribos incomodando os outros. Creia V. Ex.; uma vez que os homens já não compõem tragédias, é preciso que Deus as faça, para que este teatro do mundo varie de espetáculo. Tudo fandango, minha senhora! Seria demais.

– Como o senhor é perverso!

– Eu? Mas...

– Vamos aos outros sucessos destes sete dias; trago muitos.

– Perdão; quero primeiro lavar-me da pecha que me pôs. Eu perverso?

– Danado.

– Eu danado? Mas em que é que sou danado e perverso? Não lhe disse, note bem, que eu faria ruir o edifício da Fábrica das Chitas, quando passasse o bonde, mas que era bom que ele ruísse quando o bonde passasse. Há um abismo...

– Pois sim; vamos ao mais. Aqui estão dois fatos importantes.

– ...um grande abismo. Nem falo só pelos outros, mas também por mim. Não tenho dúvida em confessar que o espetáculo de uma perna alanhada, quebrada, ensanguentada, é muito mais interessante que o da simples calça que a veste. As calças, esses simples e banais canudos de pano, não dão comoção. As próprias calças femininas, quando comovem, não é por serem calças...

– Vamos aos sucessos.

– ...mas por serem calças<sup>9</sup> calçadas. É outro abismo. Repare que hoje só vejo abismos. Há uma chuva de abismos; a imagem não é boa, mas que há bom neste século, minha senhora, excluindo a ocupação do Egito?<sup>10</sup> Dizem que se descobriu um elemento novo.<sup>11</sup> Talvez seja falso, mas pode ser que não; tudo é relativo. O relativo é inimigo do

---

<sup>8</sup> Ver a crônica anterior.

<sup>9</sup> Na edição de Aurélio falta esta palavra.

<sup>10</sup> A Grã-Bretanha invade e ocupa o Egito em 1882, para proteger os seus próprios interesses.

<sup>11</sup> Este novo elemento é o argônio, um dos gases nobres, descoberto por dois ingleses, John Rayleigh e William Ramsay.

absoluto; o absoluto, quando não é Deus, é (com licença) o tenor que canta as glórias divinas. Começo a variar, minha senhora; não me sinto bem...

– Então acabemos depressa; é tarde, preciso retirar-me.

– ...se é que não estou pior. O pior é inimigo do bom, dizem; mas os dicionários negam absolutamente essa proposição, e eu vou com eles...

– Oh! o senhor faz-me nervosa!

– ...não só por serem dicionários, mas por serem livros grossos. Oh! V. Ex. não sabe o que são esses livros altos e de ponderação. Os dicionários, se não são eternos, deviam sê-lo. Uma só língua, um só dicionário, e eterno; era o ideal da sistematização. A sistematização é, para falar verdade...

– Não posso mais, adeus!

– José Rodrigues, fecha a porta; se esta senhora voltar, dize-lhe que saí. Ah!

